

CAPÍTULO V

FORMAS DE HOSPITALIDADE

<i>A variedade das nossas relações</i>	95
<i>Pais e filhos</i>	97
<i>Professores e alunos</i>	101
<i>Terapeutas e doentes</i>	111
<i>Acolhimento e confronto</i>	119

1. *A variedade das relações humanas.*

O movimento da hostilidade para a hospitalidade determina a nossa relação com os outros. Provavelmente nunca chegaremos a ser libertos de todas as hostilidades e poderemos viver dias, semanas durante as quais os sentimentos hostis dominarão a nossa vida emotiva, até ao ponto que a atitude melhor será a de ficarmos longe dos outros, de não falar e não escrever aos outros senão a nós mesmos. Por vezes os acontecimentos da vida provocam sentimentos de amargura, de suspeita, de ciúme, e até de vingança, que precisam de tempo para serem curados. É necessário dar-se conta que, embora queiramos caminhar para a hospitalidade, a vida é demasiado complexa para podermos imaginar um caminho a sentido único. Mas quando adquirimos a consciência da hospitalidade que dos outros recebemos e sentirmos gratidão por aquelas poucas vezes que podemos nós próprios, conseguimos criar um espaço livre para os outros, então, poderíamos perceber melhor os movimentos interiores e assumir uma atitude de abertura para com os outros.

Se olharmos para a hospitalidade como uma atitude interior, a oferta de um espaço livre e amigo que permite aproximarmo-nos aos estrangeiros e convidá-los para a tornar-se nossos amigos, aparece claro que isso possa acontecer em formas mais diferentes e em numerosos relacionamentos. Embora, a palavra estrangeiro, estanho, sugira a ideia de alguém que pertença a um outro mundo, diferente do nosso, que fala uma outra língua diferente da nossa, que tem costumes

diferentes. Mas é importante, antes de mais nada, individuar o estrangeiro na nossa própria casa, na nossa própria família. Uma vez que adquirimos a capacidade de hospedarmos bem os mais próximos, podemos expandir a hospitalidade para horizontes mais longínquos.

Portanto, podemos observar atentamente três tipos de relacionamentos, que poderemos compreender melhor observando-os do ponto de vista da hospitalidade: o relacionamento entre pais e filhos, entre professores e alunos, e entre profissionais, - médico, operadores sociais, psicólogos, conselheiros espirituais, enfermeiros, ministros do culto, sacerdotes — e os seus assistidos, pacientes, clientes, alunos, paroquianos. Em certos momentos da nossa história individual, todos estamos envolvidos nestes três tipos de relacionamentos. A vida é complicada pelo fato que todos estejamos envolvidos nelas, quer de uma que da outra parte, ao mesmo tempo. Embora haja pais e filhos, professores e alunos, conselheiros e clientes, noutros contextos continuamos a ser filhos, estudantes e pacientes. Quem procura um bom pai ou uma boa mãe, muitas vezes, tem responsabilidades filiais; que durante o dia ensina, à noite pode encontrar-se sentado do outro lado, como aluno; o conselheiro compreende quanto ele próprio precisa de ser aconselhado.

Somos todos filhos, pais, alunos, professores, curadores e pacientes. Desta forma, entramos e saímos dum mundo e entramos no outro em diversos modos e momentos. E por quanta complexidade possa ter este «entrar» e «sair» determina sempre a nossa vida. O conceito de hospitalidade poderia constituir uma dimensão unificadora aos problemas dos relacionamentos interpessoais. Além disso, poderia ajudar a ver como todos os relacionamentos. Todos estão agrupados sob o mesmo mandamento: «Amaras o próximo como a ti mesmo» (Mc 12,31).

Pais e filhos

Pode parecer estranho falar do relacionamento entre pais e filhos em termos de hospitalidade. Mas ao centro da mensagem cristã está a ideia de que os filhos não são uma propriedade a possuir e a conduzir, mas dons a custodiar e cuidar com ternura. Os filhos são os hóspedes mais importantes, aqueles

que entram em nossa casa, requerem atenções e carinho, ficam por pouco tempo em nossas casas e depois se afastam para seguir cada um a sua própria estrada. Os filhos são estrangeiros que devemos apreender a conhecer.

Os filhos têm a sua maneira de ser, os seus ritmos, as suas capacidades, na bem e no mal. Não se podem explicar observando os pais. Não nos deve surpreender, portanto, quando os pais dizem que os seus filhos são diferentes um do outro: «São todos diferentes, não se parecem entre eles e continuam a surpreender-nos e a maravilhar-nos». Os pais e as mães, mais do que outros familiares e amigos, são os mais conscientes da diferença que existe entre os seus próprios filhos. Os filhos trazem uma promessa, um tesouro escondido que deve ser revelado por meio da educação (e = fora, ducere = conduzir) numa morada hospital.

É preciso muito tempo e paciência antes que este pequeno estrangeiro esteja à vontade, e é realístico dizer que também os pais devem apreender a amar os seus próprios filhos.

Acontece, às vezes, que um pai ou uma mãe sejam tão livres e honestos para reconhecerem de ter olhado para o seu filho como um estrangeiro, sem lhe dar um afeto especial, não porque fosse indesejado, mas porque o amor não é uma reação automática. O amor brota de uma relação que é necessário desenvolver e aprofundar-se. Poderíamos dizer também que o amor entre pais e filhos desenvolve e chega à sua maturação quando eles se aproximam dos outros descobrindo-se uns aos outros como irmãos que têm muito a partilhar e que as diferenças de idade e de qualidades e de comportamento são menos importantes da sua comum humanidade.

O que os pais podem oferecer aos filhos é uma casa, um lugar que seja recetivo, mas também que tenha confins seguros, dentro dos quais, os filhos possam crescer e descobrir o que ajuda a crescer e o que prejudica. Nesse lugar, os filhos poderão colocar as suas questões sem algum temor e experimentar a vida sem correr o risco de ser rejeitados. Em casa, os filhos poderão ser estimulados a escutar o seu próprio «eu», alimentando aquela liberdade que lhes dará a coragem de abandonar o lar para prosseguir o seu caminho. A morada hospital é, de verdade, aquela, onde pai, mãe e filhos podem revelar as próprias qualidades pessoais, estar presentes uns aos outros como membros da mesma família humana e apoiar-se uns aos outros na luta comum para viver e deixar viver.

A consciência de que os filhos são hóspedes e não propriedade pode ser uma descoberta libertadora, porque muitos pais vivem sentimentos

de culpa para com os filhos, pensando de serem responsáveis de tudo o que os filhos fazem. Quando os filhos seguem caminhos que eles desaprovam, estes pais se perguntam: «onde é que falhamos?» «o que deveriam ter feito?». Os filhos, em vez, não uma propriedade a manobrar, mas sim, hospedes aos quais se deve responder.

Muitos pais se questionam sobre o batismo dos recém-nascidos. Contudo, um aspeto muito importante do batismo das crianças é que os pais conduze o filho à igreja, onde lhe vem recordado que aquela criatura não é propriedade privada, mas sim um dom que Deus faz a uma comunidade muito mais vasta do que a sua própria família. Na nossa cultura onde parece que toda a responsabilidade pelos filhos cai sobre os pais biológicos. O grande aumento de prédios, onde a gente vive em pequenas comunidades isoladas, muitas vezes receosas dos vizinhos, não oferece, em verdade, as crianças muito mais do que os próprios pais, dos quais dependem.

Durante uma visita no México, sentado numa banquinha na praça principal de uma aldeia, pude ver quanto a família fosse muito mais vasta para as crianças mexicanas. Eles eram abraçados, beijados, e levados a passear pelos tios, amigos e vizinhos de casa e, parecia que toda a comunidade passando alegadamente os serões naquela praça, se tornassem pais daqueles pequenos. Os seus movimentos destemidos me fizeram compreender que, para eles, cada pessoa constituía a família.

A família mantém a sua dimensão particular e insubstituível, mas é toda comunidade que participava da responsabilidade educativa. A Igreja, neste sentido, é um dos poucos espaços educativos que ainda existem, onde pessoas diferentes se encontram e formam uma família maior. Levar as crianças fora de casa, na igreja para o batismo é, como mínimo, um instrumento importante para nos lembrarmos da comunidade maior, em que nasceram e que lhes poderá oferecer um espaço livre para crescerem sem temores.

A tarefa mais difícil dos pais é ajudar os filhos a desenvolver a liberdade pessoal, que lhes permitirá de caminhar sozinhos, fisicamente, mentalmente e espiritualmente para depois terem a capacidade de seguirem cada um o seu caminho. A tentação latente que temos consiste sempre em agarrarmo-nos aos filhos, usando-os

como instrumentos para compensar os nossos desejos insatisfeitos e em persistir a lembrar-lhes, de formas diferentes, direta ou indiretamente, que têm uma grande dívida para conosco.

Na verdade, não é fácil ver os filhos afastar-se, ir-se embora, depois de os ter amados por muitos anos e ter lutado para ele alcançarem a sua maturidade; mas se continuam a lembrar a nós próprios que eles são só hóspedes com uma vocação própria, que não conhecemos, nem podem impor, teremos mais capacidade para os deixar partir, em paz e com a sua bênção, quando chegar a altura.

O bom anfitrião é aquele que não só sabe acolher os hóspedes, oferecendo-lhes toda a atenção de que precisam, mas também que é capaz de os deixar partir quando chegar o momento da despedida. (VS p. 75)

3. A hospitalidade entre professores e alunos

Podemos ver a hospitalidade como modelo de relacionamento criativo entre pessoas, não só entre pais e filhos, mas também entre professores e alunos. Se existe um espaço onde é necessário um espírito novo, uma espiritualidade libertadora e redentora, é precisamente o campo da educação, onde muitos transcorrem grande parte da sua existência ou, ao menos, os períodos mais decisivos como estudantes ou como docentes.

Uma das tragédias mais graves da nossa cultura é que milhões de jovens passam horas, dias, semanas e anos a escutarem lições, lerem livros, escrever tarefas com um crescente espírito de resistência. Este fenómeno é tão vasto que os professores de todos os níveis, da escola primária até a universidade, recebem cumprimentos quando conseguem cativar a atenção dos alunos e dar-lhes motivos para se aplicar nos estudos. Praticamente, cada estudante percebe a educação como uma série infinita de deveres a cumprir. Se existe uma cultura que conseguir matar a curiosidade espontânea do indivíduo, adormecendo o desejo humano de apreender, é precisamente a nossa sociedade tecnocrata.

Os professores não são insensíveis à situação ridícula em que pessoas adultas, homens e mulheres, sentem que lhes devem um trabalho de ao

menos vinte páginas. Por isso, não ficamos mais surpreendidos quando os jovens, que seguem sobre questões que dizem respeito à vida ou à morte e não se deixam atingir, pois estão preocupados sobre «quanto trabalho devem trazer». Em vez de viver alguns anos livres para poderem procurar o valor e o significado da existência humana, com a ajuda de quem já exprimiu em palavras e por escrito as próprias experiências, a grande parte dos estudantes estão preocupados em obter diplomas, prêmios, sacrificando a sua própria maturidade pessoal.

Neste clima não surpreende que entre os alunos prevaleça uma resistência crescente para com a aprendizagem e que o desenvolvimento emotivo e mental seja inibido por um ambiente educativo onde os alunos percebem os professores mais como padrões exigentes do que guias que os ajudam na procura do conhecimento e da sabedoria.

Um dos problemas mais graves do ensino atual continua a ser o de oferecer soluções sem que existam as perguntas. Parece que a fonte menos usada para formar e informar seja a experiência pessoal dos estudantes. Por vezes, os professores tratam os assuntos mais profundos da experiência humana, como o amor, o ódio, o temor, a alegria, a esperança, o desespero sem tocar a vida dos alunos, os quais não assumem uma atitude recetiva. Continuam, obedientes, a tomar notas, olhando distraídos pela janela fora. Tudo isto acontece porque nunca tiveram ocasião de fazer a experiência do amor e do ódio, do temor e da alegria, da esperança e do desespero, de forma que as perguntas surgissem da sua própria experiência pessoal. Neste clima hostil, ninguém quer mostrar-se vulnerável e deixar perceber a si mesmo, aos outros, aos companheiros e aos professores, que algumas das questões fundamentais da existência humana não foram nem sequer tocadas.

O ensino deveria prever, antes de tudo, a criação de um espaço aberto, onde professores e alunos possam entrar em comunicação sem temores, permitindo que as respetivas experiências de vida se tornem a fonte mais preciosa de crescimento e maturação pessoal. Deveria prever uma mútua confiança em, quer o que ensina e quer o que aprende se tornem presentes uns aos outros, não como rivais, mas sim

como pessoas que participam na mesma luta na procura comum da verdade.

Lembro-me de um estudante que apresentou com grande entusiasmo o resumo de um livro sobre meditação, enquanto a sua experiência pessoal de inquietude, de isolamento continuavam a ser para ele um texto de conhecimento que nunca el tinha lido. Isto demostra como as palavras possam obstaculizar o conhecimento de si mesmos.

As escolas perdem a sua capacidade educativa quando professores e alunos são reciprocamente contaminados pelo medo da rejeição, pelas dúvidas e pela insegurança sobre as próprias capacidades pessoais, pelos recíprocos rancores, muitas vezes reprimidos. Ninguém expõe as suas próprias capacidades diante a quem teme. O medo de ser recusados, as dúvidas sobre as próprias capacidades pessoais, os ressentimentos, muitas vezes escondidos, bloqueiam o caminho educativo. Ninguém manifesta as suas próprias capacidades perante a quem teme.

Mas é possível ser hospitaleiro numa aula escolar? É muito difícil porque todos, professores e alunos, fazem parte da mesma sociedade exigente, ativista e, muitas vezes, exploradora, onde o que importa é produzir e ganhar; assim, os alunos são mais preocupados com as notas do que em receber o ensino com atitude recetiva. A maturidade pessoal, que deveria ser a primeira preocupação, passa no segundo lugar. Numa sociedade tão orientada para a produção, nem sequer a escola fica livre. Nesta luta para a sobrevivência, já falta o tempo e o espaço necessário para colocar e responder às interrogações existenciais: o sentido da vida, do trabalho, sofrimento e da morte. Mesmo estas questões tão fundamentais não poder ser enfrentadas sem suscitar o risco da competição, da rivalidade, da preocupação sobre eventuais castigos ou elogios.

Contudo o ensinamento, do ponto de vista da espiritualidade cristã, nunca poderá deixar o empenho de criar este espaço livre dos medos, onde tais perguntas fundamentais possam emergir ao nível da consciência e encontrar respostas, não por meio de fórmulas prefabricadas, mas com claro encorajamento a examiná-las seriamente e de forma pessoal. Se observamos o ensino à luz da hospitalidade, podemos dizer que, quer o professor quer o aluno, são chamados a criar um espaço livre de qualquer medo, onde o desenvolvimento

mental e emotivo possa acontecer. Querendo falar da espiritualidade do professor devemos dar uma particular atenção aos dois aspetos fundamentais da missão: a revelação e a confirmação.

A tarefa do professor é revelar e confirmar. Ele deve, antes de mais nada, revelar aos alunos que eles têm algo a oferecer. Por muitos anos, os jovens foram dominados pela falsa ideia de que devem sempre receber, aprender. São tão contaminados por essa ideia que estão convencidos que devem sempre ainda mais alguma coisa a apreender, tanto que chegaram a perder a confiança em si mesmos, tornando-se incapazes de imaginar que, como pessoas, são também capazes de dar, não só aos menos instruídos, mas também aos próprios professores. Estes têm a delicada função de revelar, isto é, tirar o véu que cobre a vida intelectual de muitos estudantes, ajudando-os a perceber que as suas próprias experiências de vidas, as suas próprias aspirações, convicções e intuições, merecem uma séria atenção.

O bom anfitrião acredita que o convidado traz consigo uma promessa que é desejoso de revelar a todos aqueles que lhe prestam uma verdadeira atenção. É tão fácil impressionar os estudantes com livros que ainda não leram, com palavras que nunca tinham ouvido e com situações que não lhes são familiares. E é muito difícil tornar-se aquele que recebe e tem a capacidade de os ajudar a distinguir onde está a erva daninha nas suas próprias existências e fazer ressaltar as suas próprias capacidades. Não podemos acreditar que temos algo a dar se não encontrarem alguém capaz de receber. Na realidade, nós descobrimos os nossos dons nos olhos daquele os recebe. Os mestres que são capazes de se libertar da necessidade de impressionar e de controlar e que sabem permitir a si próprios de tornar-se recetivos diante da novidade que os alunos trazem consigo, descobrirão que na recetividade, os dons dos alunos se tornam visíveis.

O que se revela como bom, digno e como uma nova contribuição deve ser aceite e confirmado. A aceitação, o encorajamento e o apoio são, às vezes, mais importantes do que a crítica. O bom anfitrião é aquele que não só ajuda os convidados a descobrirem as suas qualidades escondidas, mas é também aquele os ajuda a desenvolver e aprofundar tais capacidades, permitindo-lhes de prosseguir o caminho sozinhos, com renovada confiança em si mesmos. De facto, a dúvida sobre si mesmos é uma doença muito espalhada nas escolas, coisa que torna a

atitude de confirmação mais importante do que nunca. Com a palavra “confirmação” podemos intender muitas coisas: pode ser simplesmente uma expressão emotiva ou de surpresa, ou também uma palavra de agradecimento. Pode ser a recomendação e ler bons livros ou referir-se a pessoas que tem capacidades especiais. De frequente, é simplesmente reunir juntas as pessoas certas e disponibilizar uma hora e um lugar onde se possa refletir melhor. Mas o conceito de confirmação inclui sempre a convicção que um dom precioso mereça atenção e cuidados constantes.

Sobretudo na educação religiosa a revelação e a confirmação assumem uma grande importância. Muitos estudantes estão quase totalmente desinteressados pela instrução religiosa, isto é devido largamente ao fato de que nunca fizeram minimamente esta experiência existencial. Existem muitas formas de ser cristãos, uma por cada cristão, mas parece que a coisa mais importante seja a imposição duma doutrina ou de uma ideia prefabricada do que oferecer aos alunos um espaço onde possam revelar o seu grande potencial humano em viver o amor, a doação e a criatividade, onde eles possam encontrar aquela confirmação que lhe dá coragem de continuar o caminho sem medos.

Só quando nós próprios tivermos feito a experiência de entrar em contacto com os nossos desejos mais profundos de vida, e tivermos escutado a nossa sede de libertação e de uma vida nova, teremos a capacidade de compreender que Jesus não só falou, mas que Ele próprio se aproximou de nós e das nossas necessidades individuais.

O Evangelho não contém só ideias que vale a pena recordar. É uma mensagem que responde à nossa condição humana individual. A Igreja não é uma instituição que nos obriga a seguir as suas regras. É uma comunidade de pessoas que nos convida a matar a nossa fome e a nossa sede à sua mesa. As doutrinas não são formulas extrâneas às quais somos obrigados a aderir, mas sim, uma documentação das mais profundas experiências humanas que, transcendendo o espaço e o tempo, se transmitem de geração em geração, como uma luz no meio das trevas.

Ma que sentido pode ter o falar de luz a pessoas que não vêm a suas próprias trevas? Porquê deveriam falar do caminho quando existem

muitos caminhos? Como se pode desejar a verdade quando não existem as interrogações? Não surpreende que muitos acham que o ensinamento religioso seja fastio, indiferente e inútil, lamentando-se que só cria medos em vez de alegria, cria uma prisão em vez da liberdade espiritual. Mas, aqueles que têm a oportunidade de descobrir um lugar de descanso, de repouso e de solidão interior, e que escuta atentamente as perguntas que surgem em seus corações, podem reconhecer que as palavras que lá ouviram, são palavras que não ferem, mas curam.

Desta forma, a nivelção e a confirmação são os dois aspetos importantes da relação ente mestre e discípulo. Ambos os aspetos demonstram que os hospedes não são somente mendicantes pobres que precisam de ajuda, ignorante que recorrem aos mestres que sabem mais do que eles, mas sim, convidados que nos honram visitando a nossa casa e que, não sairão sem ter deixado alguma coisa que lhe era própria. Ver o ensino como uma forma de hospitalidade poderá libertá-lo da sua gravosa responsabilidade, que não corresponde à verdade, colocando na justa perspectiva alguns dos seus momentos felizes.

Se os pais sofrem a tentação de considerar os filhos uma propriedade, os mestres podem assumir uma atitude semelhante para com os seus alunos. Muitos docentes, de fato, ficam tristes e desanimam sob o peso de uma responsabilidade possessiva. Sentem-se infelizes e até culpados quando os estudantes não aceitam as suas ideias, os seus conselhos, as suas sugestões e sofrem por um sentimento de profunda inadequação.

Os ensinantes, portanto, deverão bem compreender que os alunos não podem ser modelados sob uma única forma de bom viver, pois são simplesmente hospedes temporários, que albergam nas nossas casas antes de alcançar a sua própria casa. O seu relacionamento para com os estudantes é, antes de tudo, uma ajuda oferecida para possam ver melhor e descobrir, entre as mais variadas possibilidades, os modelos de pensamentos e de vida sobre os quais poderão construir a sua existência. É uma presença que sustenta a procura da verdade e oferece uma zona com confins seguros entre os quais os alunos poderão abandonar qualquer atitude defensiva e, refletir sobre as suas próprias experiências de vida, coloridas ou escuras que sejam, e seguir as pegadas de um projeto de vida que vala à pena realizar. Os mestres,

portanto, têm a missão de estimular os alunos uma reflexão que os conduza a assumir a sua própria visão e não a dele.

É nosso dever dizer, porém, que muitos jovens estão tão cansados pelas exigências dos institutos educativos que os frequentam, mantendo as devidas distâncias perante qualquer pessoa que pretenda deles algo de novo. Tornam-se tão suspeitosos que só raramente são capazes de responder a um mestre verdadeiramente hospital, para correr o risco de acreditar nele e em si próprios. Por outro lado, é também verdade que muitos mestres, cheios de boas intenções, ficaram cansados procurando aproximar-se dos estudantes e ficam presos pelas exigências das estruturas, muitas vezes, anônimas, tanto que, bem depressa, a sua hospitalidade degenera numa atitude defensiva. Em vez de revelar e afirmar, eles próprios caem em atitudes hostis, até explodindo ou vingando-se. Não surpreende, portanto, o fato de que em muitas escolas prevaleçam os excessos das rivalidades do que as atitudes hospitaleiras afim de formar hospedes recetivos. (VS p. 81)

4. Hospitalidade entre profissionais e clientes

Enfim, todos aqueles que querem aproximar-se até aos próprios irmãos, no contexto dos numerosos serviços sociais, como os médicos, os assistentes sociais, os conselheiros, os ministros do culto e numerosos outros profissionais, devem lembrar-se de que não são os proprietários daqueles que recorrem aos seus serviços. O grande perigo do crescente profissionalismo nas mais diferentes formas de serviço é observar como muitos pacientes — isto é, muitas pessoas que sofrem — olham para aqueles que os assistem com temor e apreensão, como se tivessem poderes ocultos.

Muitos pacientes aceitam o fato de que os profissionais digam coisas que eles não entendem e façam coisas que não se podem contestar e tomem decisões sobre a vida dos outros sem dar alguma explicação. Para termos uma prova dessa estranha mistura de reverencia e temor basta olhar na cara dos pacientes, basta espreitar para as salas de espera destes profissionais. Os mais pobres são aqueles que mais de frequente são vítimas dessas emoções que só contribuem a aumentar os seus já penosos sofrimentos.

Mesmo nos países tecnicamente mais avançados, as moradas dos padres raramente são consideradas como lugares onde as pessoas são sempre bem-vindas em qualquer hora e onde possam expor os seus problemas. Alguns até têm medos dos padres, outros nutrem para com eles sentimentos de hostilidade e rancore; muitos outros, simplesmente, não esperam grande ajuda; são pouquíssimos aqueles que se sentem livres de bater nas suas portas sem algum embaraço. Aos olhos de muitas pessoas que sofrem, as igrejas aparecem mais como sede do poder do que como lugares hospitaleiros. O que acabamos de dizer, é verdade por muitas outras profissões. Quanta pessoas deixam o hospital curados fisicamente, mas feridos pelo tratamento impessoal que lá receberam? E quantas voltam à casa depois das consultas com psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, irritados pela atitude desprezada e pela discricção profissional que lá encontraram?

Contudo, é fácil, fácil demais, acusar as profissões assistenciais. Muitas vezes, são os próprios profissionais que admitem a existência do problema e a tentar um atendimento aberto e recetivo para com os outros. Na nossa sociedade tecnocrata, o formalismo corrente e altamente despersonalizado, as profissões assistenciais, suportam um tal aumento de prestações que os mesmos profissionais são obrigados a manter um certo destaque emotivo para não de deixar envolver pelos pacientes. Mesmo nestas situações difíceis, aquele que assiste deve continuar a esforçar-se afim de adquirir uma espiritualidade que impeça a violência nos relacionamentos interpessoais e crie o espaço entre o qual assistente e assistido se aproximem um do outro como companheiro de viagem que partilham a mesma condição humana.

Do ponto de vista da espiritualidade cristã é importante sublinear que cada ser humano é chamado a ajudar os outros, isto é, a curar. Embora existam muitas profissões que requerem uma preparação especializada, longa e difícil, não se pode deixar esta tarefa de ajudar os outros aos especialistas. Estes poderão manter a sua humanidade na sua maneira de trabalhar só quando consideram a sua profissão como uma forma de serviço, que podem realizar não em lugar do povo de Deus, mas juntamente com ele. Todos somos curadores é podemos nos aproximarmos dos outros e oferecer-lhes a saúde. Só tendo esta convicção é que poderemos impedir aos especialistas de transformar-

se em técnicos frios e evitar que aqueles que lhes pedem ajuda que sintam manipulados.

O perigo da especialização, portanto, não se encontra só nos especialistas, mas também em nós, quando subestimamos o nosso potencial humano, renunciando ao nosso poder criativo. A arte de curar, quando é vista do ponto de vista da hospitalidade, consiste na capacidade de criarmos um espaço livre para os outros. Resulta claro que cada cristão deveria desejar de praticar esta forma de hospitalidade tão necessária.

Enquanto estava a ensinar numa escola profissional encontrei-me invadido por uma quantidade enorme de pedidos de consultação. Embora houvesse muitos conselheiros a tempo inteiro, todos estavam tão sobrecarregados de trabalho que provavelmente não conseguiam atender a todos. Durante os dois anos que trabalhei com os estudantes, comecei a perguntar-me se estes não escondessem as suas próprias capacidades pessoais. Durante os tempos de conversação nas aulas, nos convívios e nos atendimentos pessoais, comecei não só a ver, mas também experimentar, a compaixão, a franqueza, o interesse concreto, o desejo de falar e escutar e muitas outras qualidades que raramente se manifestam na própria comunidade estudantil. Percebi improvisamente que muitos se lamentavam pelo isolamento, pela ausência de comunidade, e acolhimento interpessoal, manifestando um grande desejo de amizade, de proteção, da companhia de alguém para partilhar as experiências, mas só poucos punham em evidencia a disposição de pôr ao serviço dos companheiros as suas grandes capacidades de serviço. O temor ou a falta de confiança nas suas próprias qualidades humanas faziam-lhes esconder as suas qualidades mais preciosas.

Muitas vezes podemos ajudar-nos reciprocamente muito mais de quanto imaginamos. Um dia, Karl Menninger, o famoso psiquiatra, perguntou aos estudantes qual fosse o mais importante processo curativo para os doentes mentais. Alguém disse que eram os concelhos sobre o comportamento futuro; outros, que era o relacionamento psicoterapêutico; outros que eram os medicamentos; outros, enfim, disseram que era o continuo contacto com a família, depois da cura hospitalar e muitos outros pontos de vista. Mas Karl Menninger não

aceitou nenhuma dessas respostas, como exata. O que ele queria dizer é que a coisa mais importante era: «o diagnóstico». A tarefa primária e mais importante para quem intendia operar curas era precisamente o diagnóstico. Sem uma justa diagnose não era possível realizar nenhuma cura. Ele, de fato, estava a falar para um grupo de futuros psiquiatras, isto significava obviamente que nessa profissão o primeiro dever é o de prestar uma grande atenção em apreender a habilidade diagnóstica. Agora, se tomamos a palavra «diagnose» no seu significado mais profundo e original de conhecer cada vez mais à fundo (gnosis = conhecimento, dia = mais à fundo) percebemos que o aspecto primário e mais importante de qualquer intervenção curativa é um esforço mirado a conhecer cada vez melhor o paciente em todas as suas alegrias e dores, nos prazeres, nos sofrimentos, os seus altos e baixos, que modelaram a sua existência, desde a infância, ao longo dos anos, até ao presente. Trata-se de uma tarefa muito árdua porque é doloroso enfrentar, não só os nossos sofrimentos, mas também o dos outros. Gostaríamos de chegar à nossa destinação através de atalhos, assim, gostaríamos de dar conselhos e curar sem examinar profundamente as feridas que devemos curar.

Em vez, é precisamente nesta vontade de conhecer à fundo os outros que reside a nossa capacidade de nos aproximarmos deles e oferecer-lhes a cura. Curar, portanto, significa antes de tudo criar um espaço vazio, aberto e amigável, onde quem sofre possa contar a sua história, diante de alguém que o escuta com uma atenção real. Infelizmente, muitas vezes, este «escutar» é visto como uma técnica. Dizemos, «deixa-o desabafar, faz-lhes bem». E falamos da função curativa da escuta dando a impressão de que «libertar-se», «expor tudo» tenha em si mesmo um efeito purificador. Mas «escutar» é uma arte, uma arte a desenvolver, não uma técnica que se aplica como uma chave de fenda para tirar os parafusos. A escuta requer uma presença real e deve ser considerada uma das mais altas formas de hospitalidade.

Porque é que o saber escutar é uma forma de serviço que cura? Porque torna familiar aos estrangeiros o terreno sobre o qual estão a caminhar e os ajuda a descobrir o caminho que entendem percorrer. Muitos de nós, perderam a sensibilidade para com a própria história pessoal e percebem a existência como uma série caprichosa de eventos incontroláveis. A atenção, desviada do nosso «eu» é absorvida por

aquilo que nos rodeia e nós nos tornamos estranhos a nós próprios, porque nos privamos de uma história que podemos contar e perseguir.

Curar significa, antes de tudo, permitir aos estranhos de prestar atenção e obedecer às suas histórias pessoais. Portanto, aquele que cura, torna-se aluno que quer aprender e o paciente torna-se o mestre que quer ensinar. Assim como os mestres tomam posse dos assuntos que ensinam, enquanto se preparam e põem em ordem as suas ideias para depois as expor aos estudantes, da mesma forma, os pacientes apreendem a sua própria história narrando-a a um médico desejoso de a escutar. Aquele que cura é um hóspede que escuta com paciência e atenção a história que os estranhos que sofrem. Os pacientes são os convidados que descobrem a si próprios, contando a sua própria história perante alguém que lhe oferece um espaço para descansarem. Contando a sua história, os estrangeiros percebem que não deve mais negá-la porque só entrando nela poderão descobrir o caminho a seguir.

Por isso, curar significa acolher e compreender completamente um passado para que o estrangeiro possa entrever nos olhos de quem o escuta aquele único caminho que o conduziu até ao presente e que lhe sugere por qual direção deve seguir. Pode ser uma história difícil de contar, cheia de dores e frustrações, de desvios e paragens, mas é a única história que ele pode contar, porque é a sua história, e não terá esperança para o futuro se o passado fica inconfessado, se não for recebido e compreendido. Muitas vezes é o medo dos momentos escondidos que a nossa história nos ajuda a remover.

Se queremos curar, devemos acolher a história dos nossos irmãos com coração aberto, recetivo, um coração que não julga e não condena, mas que reconhece como aquela história se insere na sua própria história. Escuta significa oferecer confins seguros, entre os quais, um passado doloroso possa ser revelado e de onde se pode partir para procurar uma vida nova.

Contando a sua história, o estrangeiro não só se torna nosso amigo, mas também se torna amigo de si mesmo, do seu passado. Neste espaço amigo, ele já não foge de si mesmo porque aquela história é a sua história, a única que lhe abre o caminho a seguir. Uma história que contém a promessa do futuro.

O passado pode ser até duro de contar, mas se ficar inconfessado, despercebido ou não aceite, ficará dentro de nós, como um rododendro, e nos destruirá. Esta abertura abre a esperança do futuro. Os medos escondidos nos bloqueiam, mas a história partilhada, recontada nos liberta. Eis, portanto, importância de encontrarmos alguém que nos escute com verdadeiro interesse e sem nos julgar.

A atitude mais importante do bom anfitrião não é o que ele deve dizer ou fazer, mas sim como criar dentro dele um espaço aberto, bastante vasto, capaz de conter uma história. Curar é uma tarefa humilde e exigentíssima ao mesmo tempo porque consiste em criar e oferecer um espaço vazio e amigo onde os estranhos possam refletir sobre as suas dores e sofrimentos sem medo de ser julgado, conquistando a confiança que os levará a procurar novos caminhos, mesmo no meio da confusão.

Isto não significa que o trabalho dos profissionais seja menos importante. Antes, é verdade o contrário. Um bom anfitrião, um ouvinte atento, será ele mesmo o primeiro a reconhecer o momento em que será necessária uma ajuda profissional. Enfim, os profissionais ficarão muito gratos para com aqueles que escutaram atentamente e que reconheceram que era necessária uma cura particular, por isso, lhos enviaram, antes que os sofrimentos aumentassem. Por outro lado, uma atmosfera de solícita atenção por parte de todos os membros da comunidade cristã pode as vezes curar feridas, antes de se tornar necessária um cura específica. (VS, p. 81-87).

5. Recetividade e confrontação

Como pais e filhos, mestres e alunos, curadores e pacientes nos aproximaremos uns dos outros de forma diferente. Mas em todos estes modelos de relacionamento, o conceito de hospitalidade ajudar-nos-á a compreender que não somos chamados a possuirmo-nos, mas sim, a servirmo-nos uns aos outros e a criar um espaço onde tudo isso se torne possível.

Ao examinar estes três formas de relacionamento sob o ponto de vista da hospitalidade, demos uma particular atenção à recetividade. De fato, o estrangeiro deve ser recebido num espaço amigo. Aproximar-se dos outros sem sermos recetivos pode fazer-lhe mais mal do que bem,

pode conduzir à manipulação e também à violência, uma violência de pensamentos, de palavras e de ações.

Uma receptividade verdadeiramente honesta significa convidar o estrangeiro ao nosso mundo, mas é ele que põe as condições, não somos nós. Quando dizemos: «poderás tornar-te meu hospede se acreditar naquilo que eu acredito, se pensares o que eu penso, se te comportares como eu me comporto» estamos a oferecer um amor condicionado, um amor vendido. Isto conduz com facilidade à exploração, fazendo da hospitalidade um negócio. Num mundo em que muitas religiões, convicções, ideologias, e diferentes maneiras de viver formam um entrelaçamento cada vez mais denso é muito importante tomar consciência de que faz parte da essência da espiritualidade cristã acolher o próximo no nosso mundo sem impor-lhe o nosso ponto de vista religioso, a nossa ideologia, a nossa maneira de agir, como condições da nossa caridade, amizade e atenção.

Não é necessário ir para longe para encontrar tais pontos de vista e tais atitudes. Muitas vezes, os nossos próprios filhos, os nossos alunos e os nossos pacientes se tornaram tão estranhos do ponto de vista ideológico. Por vezes, nos sentimos culpados se não tentamos ao menos de mudar-lhes as ideias e trazê-los da nossa parte. Depois descobrimos de termos suscitado somente suspeitas e cólera, tornando ainda mais difícil a convivência pacífica.

Mas a receptividade é só uma faceta da hospitalidade. A outra faceta é a confrontação. Ser receptivos não implica que nos devemos anular e que nos devemos tornar neutros. A receptividade real exige a confrontação. Uma casa torna-se acolhedora quando os confins estão bem marcados. Os confins são os limites dentro dos quais definimos a nossa posição. Limites flexíveis, mas sempre limites. A confrontação é o resultado de uma presença real, evidente, uma presença dentro de certos confins, onde o convidado encontra uma orientação e pontos de referência. Não somos de verdade hospitaleiros quando abandonando a nossa casa nas mãos dos estrangeiros, permitindo que a usem como lhe apraz. Uma casa vazia não é uma casa hospitaleira. Na realidade, esta casa tornar-se-á bem depressa infestada de espíritos, onde o estranho não está bem. Em vez de libertar-se dos seus temores terá cada vez mais medo, tornar-se-á suspeito de qualquer barulho proveniente do

sótão e da cantina. Se queremos ser de verdade hospitaleiros, não sé devemos receber os estranhos, mas estarmos em frente deles, com uma presença clara, sem ambiguidades, sem escondermo-nos atrás da neutralidade, mas expondo as nossas ideias, as nossas opiniões, o nosso modo de viver, clara e distintamente. Não é possível um verdadeiro diálogo entre um «alguém» e um «ninguém». Podemos entrar em diálogo só quando as nossas escolhas de vida, as nossas atitudes, os nossos pontos de vista apresentam confins que desafiam os hospedes a tomar consciência da sua própria posição e explora-la criticamente.

Para reagir a um certo tipo de evangelização agressiva, manipuladora e, muitas vezes, degradante, por vezes, se exita a manifestar claramente as próprias convicções religiosas, perdendo, assim, o sentido do testemunho. Embora, algumas vezes, pareça melhor o compromisso do que a evangelização, não podemos esquecer que faz parte do núcleo da espiritualidade cristã aproximar-se dos outros e anunciar-lhes a Boa Nova, falando sem medos *«do que vimos e ouvimos, do que contemplamos com os nossos olhos e que tocamos com as nossas mãos»* (1Jo 1,1).

Recetividade e confrontação são dois aspetos inseparáveis do mesmo testemunho cristão, dois aspetos que devem manter-se em perfeito equilíbrio. Uma recetividade sem confrontação conduz a uma fraca neutralidade que não ajuda ninguém. Uma confrontação sem recetividade conduz a uma opressão agressiva que fere qualquer pessoa. Este equilíbrio entre recetividade e confrontação encontra-se em diversas situações, dependendo da posição de cada individuo perante a existência. Em cada situação vital, em todas as formas de relacionamento, não devemos só recebermos, mas também confrontarmo-nos. Parece oportuno, agora afirmar claramente que a confrontação é muito mais do que um «falar claro». Muitas vezes, já comunicamos muitas coisas, ainda antes de termos proferido alguma palavra.

.Fascina-me sempre notar come os recém-chegados olhem ao seu redor quando entram no meu quarto, comentando o arredamento, os quadros e mais ainda os livros expostos na prateleira. Um observa a cruz pendurada numa parede, outro faz uma observação sobre uma máscara indiana, outro ainda perguntam como Freud,

Marx e a Bíblia possam conviver sobre o mesmo plano. Mas todos procuram adquirir o senso do lugar, como acontece também a mim, quando entro pela primeira vez numa área que não é a minha.

Depois de termos vividos um pouco dentro as paredes da nossa existência percebemos com trazem os sinais dos acontecimentos mundiais familiares, pessoais — e das nossas respostas. As paredes falam uma linguagem própria e de frequente conduzem a um diálogo, as vezes limitado ao coração, mas outras vezes expresso com palavras e gestos. É nestas situações que podemos aproximar-nos uns dos outros e onde pais, filhos, mestres, alunos são curadores e curados, em fim todos nos encontramos no caminho comum da existência e começamos a conversar, descobrindo-nos uns aos outros como parte de uma comunidade mais vasta e tendo um destino comum. (VS, 88-90).

CAPÍTULO VI

A HOSPITALIDADE E O CONVIDADO

<i>Em casa na nossa própria casa</i>	125
<i>A pobreza faz o bom anfitrião</i>	126
<i>A pobreza de espírito</i>	128
<i>A pobreza de coração</i>	131
<i>Vangloriando-nos da nossa fraqueza</i>	133

1. *Estar à vontade na nossa casa*

Não podemos falar do movimento da hostilidade para a hospitalidade sem o colegar constantemente e interiormente com o movimento do isolamento para a solidão. Enquanto estamos isolados não temos as condições para vivermos a hospitalidade porque as pessoas isoladas não sabem criar um espaço acolhedor para os outros. A nossa própria necessidade de aliviarmos o aperto do nosso isolamento leva-nos a agarrar-nos aos outros, em vez de criarmos um espaço acolhedor para eles.

Recordo vivamente a história de um estudante convidado a habitar junto de uma família durante os seus estudos universitários. Depois de alguma semana, começou a perceber como lhe faltasse a liberdade. Mal acabou de chegar começou a tomar consciência de que estava a tornar-se vítima do miserável isolamento dos seus anfitriões. Marido e mulher viviam isolados, como estranhos um do outro e usavam o convidado para satisfazerem a sua sede de amor. Se tinham agarrados de tal forma ao hospede que esperavam que lhe pudesse oferecer o afeto que eles eram incapazes de dar-se um ao outro. Aquele estudante ficou enredado na rede complicada dos desejos insatisfeitos do casal, preso dentro das paredes do isolamento. Ele percebia a penosa situação de dever escolher entre os dois companheiros isolados e estava dividido pela cruel interrogação: «Estás da sua parte ou da minha? Estas seu favor

ou a meu favor?» Ele já não estava à vontade, não se sentia livre de sair e voltar, descobria de não se conseguir concentrar-se no estudo e, ao mesmo tempo, não conseguia dar aos anfitriões a ajuda que eles esperavam. Tinha perdido também a liberdade interior de se ir embora.

Esta história ilustra quanto seja difícil criar espaço para um estranho, quando não há uma verdadeira solidão na nossa existência. Se repensamos nos lugares onde nos sentimos mais à vontade, apercebemo-nos que eram aqueles onde quem nos hospedava, nos dava a liberdade preciosa de ir e voltar segundo os nossos desejos, sem eles recorrer a nós, pelas suas necessidades. Só num espaço livre pode ter lugar uma nova criação e pode nascer uma vida nova. O verdadeiro anfitrião é aquele que sabe oferecer um espaço onde não se deve ter algum temor, onde é possível escutar as vozes interiores e encontrar o caminho pessoal que nos ajuda a sermos humanos, mas ser hóspedes desta forma tão livre exige que estejamos bem na nossa própria casa. (VS, p. 92).

2. A pobreza é o fundamento do acolhimento

Na medida em que o isolamento se converte em solidão a hostilidade transforma-se em hospitalidade. Não se trata de uma questão cronológica. Os movimentos complexos e exclusivos da vida interior não têm contornos definidos. Resta, contudo, verdade que muitas vezes o isolamento conduz a comportamentos hostis, enquanto a solidão é o clima adaptado para a hospitalidade. No isolamento precisamos de tal forma de simpatia e de amor que nos tornamos hipersensíveis para com os inúmeros sinais do ambiente que nos rodeia e facilmente para com nos dá a impressão de nos rejeitar. Mas quando descobrimos no coração o centro da nossa existência, aceitando o fato de que estamos sós, não por um destino cego, mas por vocação, então, adquirimos a capacidade de oferecer liberdade aos outros. Apenas se renuncia ao desejo de uma satisfação total, ficamos interiormente livres para oferecer um espaço aberto para os outros. Na realidade, o paradoxo da hospitalidade reside no fato de que a pobreza produz o bom anfitrião. A pobreza é naquela disposição interior que nos permite baixar as defesas, convertendo os inimigos em amigos. Só percebemos o estranho como inimigo quando temos algo a defender.

Mas quando nos tornamos pobres, o podemos convidar em nossa casa, dizendo: «entra, a minha casa é também a tua casa, a minha alegria é também a tua alegria, a minha tristeza é também a tua tristeza e a minha vida é também a tua vida»; não temos nada a defender, por isso, nada a perder, mas sim tudo a dar.

Podemos então «oferecer a outra face», isto é, mostrar que os inimigos só são inimigos quando nos agarramos às coisas que possuímos, seja o que quiser: o saber, o bom nome, o dinheiro, os objetos que colecionamos. Mas, quem nos poderá roubar quando sabe que tudo o que ele nos quer roubar é um dom que lhe oferecemos? Quem poderá mentir-nos quando só a verdade poderá servir também para ele? Quem poderá insinuar-se pela porta de serviço, quando a porta principal está amplamente aberta?

A pobreza produz o bom anfitrião. Esta declaração paradoxal requer algumas explicações. Para nos aproximarmos aos outros livremente, são importantes duas formas de pobreza: a pobreza de mente e a pobreza de coração. (VS, p. 92-93).

3. A pobreza da mente e do coração

A pobreza da mente. Quem está repleto de ideias, de conceitos, de convicções não pode um bom anfitrião. Não tem espaço interior para escutar nem para descobrir as qualidades dos outros. Não é difícil perceber que aqueles que «sabem tudo» podem anular uma conversação e impedir a troca de diferentes opiniões. A pobreza da mente como atitude espiritual é o desejo crescente de dar ato da incompreensibilidade do mistério da vida. Quanto mais amadurecemos, tanto mais saremos capazes de renunciar à tendência de possuir, de recolher, de abraçar a plenitude da vida, tanto mais estaremos prontos a deixar que a vida dos outros entre na nossa vida.

A preparação para o ministério nos oferece um ótimo exemplo. Para preparar-se ao serviço temos que nos preparar a um claro «não saber» a uma «dota ignorância» ou a uma «cultura ignorância». Isto não é aceite com facilidade por pessoas que estão inclinadas a dominar e controlar todas as situações, fazendo proceder as coisas segundo as suas necessidades. A formação ao ministério, em vez, não é uma formação para dominar a Deus, mas para deixar-se dominar por Ele.

Gostaria de lembrar a história dos estudos de um seminarista sul-africano de trinta anos. Quando este homem percebeu a vocação para o ministério, ele foi aceite pela Igreja e enviado para trabalhar numa paróquia como assistente, sem qualquer preparação teológica. Ele, no entanto, estava tão convencido das suas ideias e da sua experiência e o seu fervor e entusiasmo eram tão grandes que ele não encontrou nenhuma dificuldade em preparar longos ensinamentos e conferências enérgicas. Então, depois de dois anos, ele foi chamado e enviado para o seminário para estudar teologia. Quando ele refletia sobre este período, costumava dizer: «Durante aqueles anos li as obras de inúmeros teólogos e filósofos. Antes tudo me parecia claro e óbvio, mas neste tempo perdi todas as minhas certezas, fiz-me muitas perguntas e tornei-me muito menos seguro de mim mesmo e das minhas certezas». De certa forma, durante os anos de formação ele tinha desaprendido mais do que aprendido e, quando se tornou ministro, tinha menos para dizer e muito para escutar.

Este relato mostra que os ministros bem formados não são indivíduos que sabem dizer exatamente o que é Deus, onde está o bem e onde está o e como viajar deste mundo para outro, mas sim, pessoas que estão conscientes de «não saber», uma «dota ignorância que os torna capazes de ouvir a voz de Deus nas palavras do seu povo, nos acontecimentos do dia a dia, nos livros que tratam das experiências humanas, de homens e mulheres de outros lugares e de outros tempos. Em breve, uma «dota ignorância» que os torna capazes de receber atentamente as palavras dos outros e do Outro. Esta é a verdadeira pobreza da mente. Uma pobreza que exige a recusa contínua de identificar a Deus com conceitos, teorias, documentos ou eventos, impedindo, assim, aos homens e as mulheres de se tornarem sectários, fanáticos ou exaltados, e permitindo-lhes, em vez disso, o crescimento contínuo rumo a uma dócil recetividade.

O que é verdade para o ministério, é também verdade para todas as outras formas de serviço humano. Se observarmos a vida e o trabalho diário de psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e conselheiros,

reparamos que grande parte da sua habilidade consiste em escutar atentamente, com ou sem instrumentos, procurando incansavelmente de não obstaculizar os seus pacientes. Uma pobreza mental voluntária torna-os abertos a receber o conhecimento e a inspiração daqueles que a eles recorrem para lhes pedir ajuda. Tudo isso não exclui de forma nenhuma a necessidade de criar novas estruturas para aliviar os sofrimentos humanos, a fome, a falta de roupas e de casas para milhões de pessoas. O oposto é que é verdade. Se trabalharmos para os pobres com um espírito de receptividade e de gratidão, a nossa ajuda pode ser aceite sem vergonha. Muitas indivíduos que precisam de auxílio físico, mental ou espiritual, deixam transparecer cada vez com mais clareza que é melhor renunciar a uma ajuda e manter o respeito de si próprios, do que aceitá-lo de deixar-se reduzir ao status de mendigos ou escravos.

A pobreza do coração: O bom anfitrião deve ser pobre de mente, mas também pobre de coração. Se o coração está cheio de preconceitos, de preocupações, de ciúmes, terá pouco espaço para acolher os estranhos. Num ambiente onde se teme não é fácil manter o coração aberto para a vasta gama de experiências humanas. A verdadeira hospitalidade, em vez, não exclui, mas inclui, e cria espaço para uma grande variedade de experiências humanas. Mesmo neste caso, o exemplo do ministério pode fornecer um exemplo que ilustra o valor desta forma de pobreza. Existem muitas pessoas que declaram ter tido uma experiência religiosa que lhes indicou o caminho do Senhor. Muitas vezes foi uma experiência tão intensa que elas própria conseguem explicar e dar-se conta de que o seu caminho não é necessariamente o único caminho, ou o caminho certo. Deus não pode ser forçado, contido numa ideia específica, numa opinião ou convicção, nem pode ser definido por um sentimento ou por uma emoção específica. Não se pode identificar a Deus com uma boa disposição de caridade para com o próximo ou com uma doce emoção do coração, ou com a êxtase, com os movimentos do corpo ou encantando as serpentes. Deus não se identifica com a inclinação, com o fervor, com a generosidade ou com o amor que somos capazes de viver. Todas essas experiências do coração podem nos lembrar a presença de Deus, mas se não as tivéssemos, isto não atestaria a sua ausência. Deus não é apenas maior do que a nossa mente, mas também maior do que o nosso coração, por

isso é nosso dever evitar a tentação de adaptar a Deus com os aos nossos estritos sentimentos.

Não só no ministério, mas também em todas as outras formas de serviço, se deve continuamente recordar que um coração apegado é tão perigoso quanto uma mente apegada. Um coração apegado pode tornar-nos intolerantes. Mas se tivermos a boa vontade de não fazermos da nossa limitada experiência o critério para nos aproximarmos dos outros, então, poderíamos perceber que a vida é maior do que a nossa vida, a história maior do que a nossa história, a experiência maior do que a nossa experiência e Deus maior do que o nosso Deus. A pobreza de coração produz o bom anfitrião porque nos torna capazes de recebermos as experiências dos outros como um dom; as suas histórias poderão juntar-se criativamente com as nossas histórias, as suas exigências poderão dar um novo significado à nossa vida e o seu Deus falar ao nosso Deus, numa mútua revelação.

Johannes Metz descreve bem esta disposição interior, dizendo: Devemos esquecer-nos de nós mesmos, permitindo que a outra pessoa se aproxime de nós. Devemos ser capazes de nos abrir a essa pessoa para que a personalidade que a distingue se revele - mesmo que às vezes ele nos assuste e repugna. Muitas vezes oprimimos o outro e vemos apenas o que queremos ver; desta forma nunca encontraremos o misterioso segredo de seu ser, mas apenas a nós mesmos. Não querendo arriscar a pobreza do encontro, estamos a insistir numa nova forma de autoafirmação e pagamos o preço com o isolamento. «Quem encontrou sua vida perdê-la-á» (Mt 10, 39) e não terá a graça da plenitude da existência humana. Ficará sozinho, com a sombra do seu ser verdadeiro.

A pobreza do coração cria a comunidade porque é o contrário da autossuficiência: é uma interdependência criativa, na qual o mistério da vida pode ser revelado. (VS, p. 93-97).

O orgulho da fragilidade

A hospitalidade requer, portanto, a pobreza, a pobreza de mente e a pobreza de coração. Isso pode ajudar-nos a entender a importância de

uma «educação» para a hospitalidade. Existem muitos programas para preparar para o serviço nas suas diversas formas. Mas só raramente são vistos como educação para uma pobreza voluntária, muito pelo contrário, querem treinar e equipar as pessoas, isto é, oferecer-lhes as «ferramentas para o trabalho». Enquanto, uma verdadeira educação para o serviço requer, em vez, um difícil e doloroso auto despojamento, uma pobreza de mente e de coração voluntariamente escolhidas. Se existem instrumentos, técnicas e capacidades, são, antes de tudo, para trabalhar o terreno, cortar as ervas daninhas e podar os ramos, ou seja, eliminar tudo o que possa dificultar o crescimento. A educação para o serviço não é uma educação para enriquecer-se, mas, muito pelo contrário, para tornar-se voluntariamente pobres; não é para satisfazer a si mesmo, mas para esvaziar-se; não é para conquistar a Deus, mas para render-se ao seu poder salvador. Tudo isso é aceitável apenas com grande esforço, no mundo contemporâneo que fala de poder e autoridade. Contudo, é importante que neste mundo haja ainda alguém a proclamar bem alto que se existe algo pelo qual vale a pena orgulhar-se, é precisamente a fragilidade. A realização pessoal consiste em servir, isto é, na capacidade de esvaziar-se, no poder de perder qualquer poder.

Deus não se revelou como o «Outro», poderoso, inacessível em Sua onisciência, onipotência e onipresença. Em vez disso, Ele veio até nós em Jesus Cristo que *«não considerou a sua igualdade com Deus como um tesouro ciumento, mas se despojou... e tornando-se semelhante aos homens, aparecendo em forma humana, Ele humilhou-se ainda mais tornando-se obediente até à morte e à morte de cruz»* (Fil 2, 6-8). É o próprio Deus que revela qual deve ser o movimento da nossa vida espiritual. Não é o movimento da fraqueza ao poder, mas o movimento em que temos cada vez menos medo, baixamos as nossas defesas e nos abrimos cada vez mais aos outros e ao mundo, mesmo quando isso leva à dor e à morte.

Enquanto o movimento do isolamento à solidão nos faz aproximar ao nosso eu íntimo, o movimento da hostilidade à hospitalidade faz-nos aproximar dos outros. O termo hospitalidade serviu para chegarmos a uma melhor compreensão da natureza de um relacionamento cristão, que seja maduro, com nossos irmãos.

Palavras como criação de espaço, receptividade e confrontação, pobreza de mente e de coração, têm sido usadas para mostrar que a espiritualidade cristã não está apenas enraizada na realidade da vida cotidiana, mas a transcende, confiando-se ao que é dom de Deus. Ajudar, servir, cuidar, orientar, curar: essas palavras têm sido usadas para exprimir uma aproximação para com os outros, através da qual percebemos a vida, não como um dom a possuir, mas como dom a compartilhar.

Enfim, isso nos leva ao especto mais importante e mais difícil da vida espiritual, a nossa relação com Aquele que dá. Dele falamos, cada vez mais, à medida que passamos do isolamento para a solidão e da hostilidade para a hospitalidade. Até agora, no entanto, falamos da possibilidade de nos aproximarmos de nós mesmos e dos outros. Mas agora colocamos a questão mais central: será que no podemos aproximar de Deus, fonte da nossa vida?

Se a resposta fosse negativa, a solidão e a hospitalidade seriam ideais vagos, temas de conversa, sem algum efeito na vida cotidiana. O movimento da ilusão à oração, portanto, é o movimento mais decisivo da vida espiritual, aquele que circunda e cerca na base tudo o que foi dito até agora. (VS, p. 98-99).